



Esta obra está  
licenciada com uma Licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0](#)



**29 de abril**  
Revista de História

## PRIMEIROS PASSOS

**Em nome da pátria e da família: a educação feminina nas páginas da revista "Futuro das moças" (1917-1918).**

**In the name of the country and the family: female education in the pages of the magazine *Futuro das moças* (1917-1918).**

**Thaíssa Koller Freitas ([thaissakoller28@gmail.com](mailto:thaissakoller28@gmail.com))**

Graduanda em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro)

**Vanderlei Sebastião de Souza ([vanderleidesouz@yahoo.com.br](mailto:vanderleidesouz@yahoo.com.br))**

Doutor em História, docente da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro)

**Resumo:** Este artigo se insere no campo da História Cultural e busca analisar o debate sobre a educação feminina nas páginas da revista carioca *Futuro das moças*, nos anos de 1917–1918. O objetivo é buscar compreender como os discursos sobre o futuro do Brasil eram realizados nas páginas da revista destinada à educação das mulheres brasileiras, que tinham acesso à alfabetização. O trabalho dirige especial atenção para as relações entre história, imprensa e educação feminina, realizando uma análise sobre mulheres, gênero e sexo a partir do trabalho de Joana Maria Pedro. Para além do exposto, analisadas no mesmo período da Primeira Guerra Mundial, a revista produzia matérias sobre o surgimento do sentimento patriótico na sociedade brasileira e as funções das mulheres em meio a este acontecimento histórico: deveriam ser ótimas mães e esposas, ajudando na formação de uma nação patriótica brasileira.

125

**Palavras-Chave:** Feminismo; Gênero; Imprensa Brasileira; República Brasileira.

**Abstract:** This article falls within the field of Cultural History and seeks to analyze the debate on female education in the pages of the Rio-based magazine *Futuro das Moças* (The Future of Young Women) between 1917 and 1918. The objective is to understand how discourses about Brazil's future were constructed in the magazine, which was aimed at the education of Brazilian women who had access to literacy. The study pays special attention to the relationships between history, the press, and female education, conducting an analysis of 'women, gender, and sex' based on the work of Joana Maria Pedro. Beyond this, the magazine—analyzed during the same period as World War I—produced articles on the emergence of patriotic sentiment in Brazilian society and the roles women should play amid this historical event: they were expected to be exemplary mothers and wives, contributing to the formation of a patriotic Brazilian nation

**Keywords:** Feminism; Gender; Brazilian Press; Brazilian Republic.

### Introdução

A pesquisa que originou o presente artigo analisou publicações da revista *Futuro das*

*Rev. 29 de Abril, v. 5, n.9 dez./2025*



Esta obra está  
licenciada com uma Licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0](#)



**29 de abril**  
Revista de História

moças nos anos de 1917 e 1918, período marcado pelo fim da Grande Guerra. O objetivo é compreender o papel da imprensa nas representações femininas em tempos de guerra.

A revista *Futuro das Moças*, publicada e produzida na antiga capital do Brasil, o Rio de Janeiro, de 1914 a 1918, era voltada às mulheres cariocas e tinha edições semanais, com conteúdo distribuído entre 30 e 40 páginas. Era vendida sempre às quartas-feiras ao custo de trezentos réis. Essas publicações estiveram entre as pioneiras no Brasil a se dirigiam especificamente ao público feminino, defendendo o trabalho da mulher e abrindo espaço para escritoras em suas páginas. A análise dos exemplares publicados entre 1917 e 1918 permite compreender o papel da imprensa na construção das representações femininas durante o contexto da Primeira Guerra Mundial.

As capas eram, em sua maioria, compostas por retratos de mulheres que expressavam os padrões sociais e estéticos da época, como podemos ver no volume 22, publicado em 29 de agosto de 1917 (figura 1), que traz na primeira página a foto da Estephania M. Manso, homenageada como colaboradora da revista. Todas as mulheres retratadas estão muito bem arrumadas, com penteados elaborados, são todas brancas, usam vestidos elaborados e joias. É possível deduzir que essas mulheres certamente pertenciam à classe média urbana e às elites brasileiras da primeira década do século XX.

126

Figura 1 – Foto da colaboradora Estephania M. Manso



Fonte: *Futuro das moças*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1, 29 de ago. 1917.

*Rev. 29 de Abril, v. 5, n.º 9 dez./2025*



Quem era o público-alvo das revistas femininas? Certamente não eram as mulheres das classes trabalhadoras, pobres e negras, mergulhadas num cotidiano voltado a suprir as necessidades básicas de sobrevivência e para quem o trabalho sempre representou uma dura realidade. Tampouco as trabalhadoras domésticas, as trabalhadoras negras recém-saídas do regime de escravidão, as prostitutas, as operárias e camponesas. A revista tratava e era voltada às mulheres com certa projeção social, aquelas vistas como destinadas ao casamento e à maternidade, as mulheres brancas, de classe média ou das elites, que se encaixavam no padrão ideal de mulher e de beleza feminina. Contudo, deve-se dizer que mesmo essas “*mujeres padronizadas*”, na duplicidade de valores da relação amorosa, também estavam sob o julgo e julgamento da dominação masculina e da sociedade (Almeida, 2008).

Logo, observa-se que a revista produzia conteúdos para ensinar a mulher a ser boa esposa e mãe, a estar sempre bem arrumada, a cultivar qualidades indispensáveis como a delicadeza, a amabilidade, a gentileza, o bom gosto para roupas e joias. As produções das revistas datam de uma época marcada pela Primeira Guerra Mundial, porém as publicações semanais traziam poucas notícias sobre o que estava acontecendo no mundo e no cenário político do Brasil.

127

Figura 2 – Fotografia da leitora da revista Palmira Navarro



Fonte: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 25, 3 out. 1917.



A imagem da leitora Palmira Navarro, publicada na edição de 1917, contrasta deliberadamente com os ideais de beleza propagados pela revista. Seu retrato, austero e desprovido de artifícios, desafia a narrativa dominante ao apresentar uma feminilidade que não se submete aos padrões de perfeição física. Essa estratégia editorial revela uma tentativa de equilibrar a promoção de produtos de embelezamento com a representação de mulheres reais, cujas identidades transcendiam os estereótipos de gênero.

## Metodologia

O acervo documental da pesquisa é composto por dezoito volumes da revista. A primeira etapa de trabalho envolveu traçar um percurso metodológico. Inicialmente foi realizada a catalogação da revista *Futuro das Moças*, com a separação do material por volumes e por ano de publicação. Deste modo foi possível visualizar em quais momentos a revista teve mais edições – 1917 e 1918 – com algumas publicações em 1914. Nos anos de 1915 e 1916 houve uma lacuna na publicação da revista, uma vez que nenhuma edição foi produzida.

Depois desta etapa, foi realizada uma exploração no site da Hemeroteca Digital na tentativa de encontrar mais volumes publicados, complementando, assim, o acervo já organizado. Depois de analisar em quais anos havia mais volumes a serem analisados e estudados, o recorte temporal escolhido foi o período entre 1917 e 1918, quando a revista publicou cerca de 18 edições.

Após essa etapa, foi feita a leitura de todos os volumes compilados, a fim de compreender as ideias contidas no discurso da revista; ao mesmo tempo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em busca de embasamento teórico para a análise dos textos.

A revista *O Futuro das Moças*, publicada e produzida na antiga capital do Brasil, o Rio de Janeiro, nos anos de 1914 a 1918, tinha produções semanais designadas às mulheres cariocas. As capas são, em sua maioria, compostas por retratos de mulheres que expressavam os padrões sociais e estéticos da época, como podemos ver no exemplo do volume 22, publicado em 29 de agosto de 1917, que traz na página principal a foto da Estephania M. Manso, como homenagem à uma colaboradora da revista. A maioria das mulheres retratadas é branca e está muito bem arrumada, com penteados elaborados, vestidos sofisticados e joias. Como é possível deduzir, essas mulheres certamente pertenciam à classe média urbana e às elites brasileiras da primeira década do século XX.

Figura 3 – Foto da colaboradora Estephania M. Manso



129

Fonte: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 1, 29 ago. 1917.

Para quem eram produzidas as revistas femininas? Certamente não para as mulheres das classes trabalhadoras, pobres e negras, mergulhadas nas necessidades básicas de sobrevivência e para quem o trabalho sempre representou uma dura realidade. Não para as trabalhadoras domésticas, as trabalhadoras negras recém saídas do regime de escravidão, as prostitutas, as operárias e camponesas. Falava-se das mulheres de certa projeção social, as destinadas ao casamento e à maternidade, às mulheres brancas e de classe média ou das elites, vistas como o padrão ideal de mulher e de beleza feminina. Contudo, deve-se dizer que mesmo estas “mulheres padronizadas”, na duplicidade de valores da relação amorosa, também estavam sob o jugo e julgamento da dominação masculina e da sociedade (Almeida, 2008).

Logo, observa-se que a revista *O Futuro das Moças*, produzia conteúdo feminino que ensinava as mulheres a serem boas esposas e mães, sendo bem arrumadas, e tendo qualidades



indispensáveis como a delicadeza, o bom gosto por roupas e joias, sendo amáveis e gentis. As produções das revistas datam de uma época histórica marcada pela Primeira Guerra Mundial, porém as publicações semanais traziam poucas notícias sobre o que estava acontecendo no mundo e no cenário político do Brasil.

Nesta pesquisa, busca-se desvelar publicações de 1917 e 1918, período marcado pelo fim da Grande Guerra, observando dezoito volumes para compreender o papel da imprensa nas representações femininas em tempos de guerra. Para realizar esta pesquisa, foi necessário pensar em um percurso metodológico. Inicialmente era indispensável a catalogação da revista “*O Futuro das Moças*”, separando o material por volumes e o ano de publicações, de modo que fosse possível visualizar em quais momentos a revista teve mais publicações – 1917 e 1918 –, e com algumas publicações em 1914 percebeu-se, então, que havia uma lacuna nos anos de 1915 e 1916, pois a revista nada publicou nesses anos. Depois desta etapa, realizei uma exploração no site da Hemeroteca Digital para tentar encontrar mais volumes publicados, complementando assim o acervo já organizado. Depois de analisar em quais anos teriam mais volumes para analisar e estudar, houve a escolha dos anos de 1917 a 1918, período em que a revista publicou cerca de 18 volumes.

130

Após essa etapa, se fez necessário a leitura de todos os volumes separados, de modo a entender as ideias que estavam sendo propagadas, realizando ao mesmo tempo pesquisas de artigos, entre outros textos que pudessem auxiliar nas análises dos textos da revista feminina.

As revistas femininas, que serviam para o entretenimento e a informação, tornaram-se um espaço de construção do que viria a ser a mulher moderna brasileira no contexto do início do século XX, marcado pela chegada ao Brasil do ideal de progresso técnico e científico. Este fator influenciou a modernização da imprensa brasileira, que se adequou às novas tendências da imprensa europeia (Lima, 2007; Buitoni, 2009).

A história da imprensa no Brasil remete ao início do século XIX, com a chegada da família real portuguesa em 1808 (Buitoni, 2009). A mudança da corte portuguesa para a América, influenciou fortemente a vida política, social e cultural da colônia. A imprensa passou a reproduzir um modelo esperado de mulher e de papéis femininos. Conforme destaca Duicília Buitoni, desde a chegada da família real já havia uma preocupação com a regulação dos modos e dos comportamentos femininos

A existência da corte passou a influir na vida da mulher do Rio de Janeiro, exigindo-lhe mais participação. O Rio estava deixando seu caráter provinciano para ser uma capital em contato com o mundo. Dentro deste contexto, a moda assumiu grande importância para a mulher que morava nas cidades, ainda mais se fosse na corte. As tendências europeias eram copiadas e aí entra o fato da imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora e depois com a publicação, aqui, em jornais e



revistas que reproduziam gravuras de moda. A necessidade estava criada; havia, portanto, um mercado. Foi por isso que as primeiras publicações dirigidas à mulher no Brasil traziam moda. Jornalismo feminino, nessa época, significava moda e literatura. (Buitoni, 2009, p. 31-32).

O jornalismo feminino nasceu com a função de entreter e trazer dicas práticas e didáticas de como ser uma mulher ideal para a sociedade. O número de publicações dedicadas ao público feminino no país era pequeno. Em 1852 surgiu no Rio de Janeiro o *Jornal das Senhoras*, uma das primeiras publicações femininas, e, posteriormente, começou a aparecer um espaço específico em jornais maiores que tinham conteúdo dirigido a mulheres. É o caso da *Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1901), que tinha sessões chamadas de “*cartas de mulher*”. A imprensa feminina deste período, segundo Buitoni (2009, p. 85), ainda conservava características literárias, que marcaram de forma intensa o jornalismo do século XIX.

As revistas destinadas às mulheres cariocas, no início do século XX, desempenhavam um papel ambíguo. Por um lado, buscavam facilitar o acesso da população feminina à instruções e conhecimentos; por outro, considerando o reduzido número de mulheres alfabetizadas no Brasil na época, essas publicações acabavam reforçando distinções sociais. Seus discursos dirigiam-se principalmente às mulheres letradas, enfatizando uma educação que mesclava formação intelectual, profissional e cívica com fortes expectativas morais e domésticas. O objetivo era prepará-las para cumprir sua “*missão sublime*”: permanecer no espaço privado, zelando pela saúde, alimentando mentes e moldando o caráter dos futuros cidadãos – perpetuando, assim, desigualdades de gênero.

131

### **Uma Análise Metodológica das Publicações de 1917 a 1918**

A Revista “*O Futuro das Moças*”, publicada semanalmente no Rio de Janeiro, de 1914 a 1918, também intitulada como um semanário ilustrado, tinha edições entre 30 a 40 páginas, e era vendida sempre às quartas-feiras, custando trezentos réis. Essas publicações foram pioneiras no quesito de serem destinadas ao público feminino, defendendo o trabalho feminino e abrindo espaço para escritoras na revista. Observou-se as matérias publicadas de 1917 a 1918, para compreender o papel da imprensa nas representações femininas em tempos de guerra.

A historiadora Tania Regina de Luca (2008) afirma que a imprensa tem se transformado em uma fonte fundamental para a historiografia, seja para analisar os fenômenos do mundo social e político, seja para compreender as tendências e representações culturais em diferentes sociedades e contextos históricos. Desde o início do século XX, mas especialmente depois da Escola dos *Annales*, a imprensa deixou de ser vista como uma fonte de menor importância, considerada até então como exageradamente subjetiva, parcial e repleta de ideologias. De Luca



aponta que esse cenário sofreu mudanças a partir da segunda metade do século XX, com a chamada terceira geração dos *Annales*, sobretudo a partir da expansão dos estudos ligados à História Cultural.

A metodologia utilizada para compreender a revista *Futuro das Moças* é a História Cultural, como trabalhada pelo historiador inglês Peter Burke –na obra *O que é História Cultural*, de 2008. Nela, Burke buscou pontuar elementos da história cultural, como as relações familiares, a língua, as tradições, a religião, a arte e algumas ciências. O autor defende uma escrita histórica que incorpore novas perspectivas e narrativas, demonstrando como o pensamento feminista contribui para esse exercício de reinterpretação do passado. Essa abordagem exige não apenas incluir a visão feminina, mas também ler criticamente as fontes, questionando seus silêncios e omissões. Nesse contexto, as revistas femininas do período revelam-se impor.

Ao mesmo tempo, essa pesquisa também se apoia nos estudos de gênero, compreendendo-os como uma categoria analítica importante para o estudo da História. Conforme explica Joan Scott, gênero é uma categoria de análise histórica, de compreensão do universo cultural e político e expressa, invariavelmente, relações de poder, o que possibilita utilizá-la em diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias sociais e culturais (Scott, 1995). É importante destacar, também, a construção do termo gênero, pontuado pela Joana Maria Pedro, que analisa as categorias “mulheres”, “gênero” e “sexo” através de um diálogo com a história dos movimentos sociais de mulheres, de feministas, de gays e de lésbicas, trazendo um panorama de como estas categorias de análise têm sido constituídas e questionadas.

132

A análise da revista *Futuro das Moças* revela como, no início do século XX, o termo “mulher” predominava sobre o conceito contemporâneo de “gênero”. Como demonstra Pedro (2005), as páginas da publicação carioca não trabalhavam com uma noção universalizante de feminilidade, mas sim com múltiplas e hierarquizadas categorias de mulheres - distinguindo entre “negras”, “índias”, “mestiças”, “pobres” e “trabalhadoras”. Essa diferenciação mostra como a simples oposição binária entre “homem” e “mulher” se tornava insuficiente para explicar as complexas relações sociais da época.

Essa discussão dialoga diretamente com as contribuições teóricas de Simone de Beauvoir e Joan Scott. Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949), já alertava para como a cultura patriarcal construía a mulher como “*o Outro*”, relegando-a à submissão. Scott, por sua vez, em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1986), demonstrou como essas construções culturais serviam para manter estruturas de poder. A revista, portanto, opera nesse contexto



histórico, no qual, mesmo antes da consolidação teórica do conceito de gênero, já se manifestavam as desigualdades que as teóricas feministas posteriormente sistematizariam.

A análise da revista *Futuro das Moças* revela a importância da imprensa como um espaço de expressão e debate para as mulheres brasileiras no início do século XX. No entanto, este estudo representa apenas um recorte temporal de um fenômeno mais amplo. Logo, futuras pesquisas podem ser realizadas para aprofundar a análise das representações femininas em outras publicações periódicas, explorando as conexões entre a imprensa feminina e outros movimentos sociais da época, e investigar o impacto das representações midiáticas nas identidades e práticas sociais das mulheres.

### **Folheando o futuro: um passeio pelas páginas e pelo conteúdo de *Futuro das Moças***

O conteúdo da revista era composto por dicas de como manter a casa arrumada, de como se vestir perfeitamente, textos de teatros, crônicas, receitas de bolos, propagandas de lavanderias, lojas de joias, de roupas, perfumaria, anúncios de bons restaurantes e cafeterias, contatos de professores para aulas de Geografia e História, trechos de músicas e contatos de cirurgiões plásticos que aumentavam os seios das mulheres.

Maria Izilda Santos de Matos afirma que “[...] desde 1850, os produtores de remédios e cosméticos eram os maiores anunciantes, assumindo grande influência, impacto e atingindo um grande público” (2010, p. 1). As páginas da revista abriam espaço, ainda, para a venda de produtos estéticos. Merece destaque a propaganda de um produto denominado “*pasta russa*”, um creme que garantia a beleza dos seios femininos, deixando-os desenvolvidos, fortificados e bonitos, e que fora produzido pelo médico e cientista russo Doutor G. Ricabal. Esse conteúdo demonstra que havia uma grande exigência com a aparência feminina naquele contexto.

Figura 3 – Propaganda pasta russa

Fonte: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 7, 5 set. 1917

134

A análise do anúncio publicitário em questão revela a construção histórica de padrões estéticos femininos vinculados a ideais de juventude e perfeição corporal. Como demonstra a ênfase nos seios *"perfeitos"* na ilustração analisada, esses paradigmas estéticos reforçam uma concepção de beleza que associa o envelhecimento feminino à perda de valor social. Na contemporaneidade, essa lógica se materializa na estigmatização de características como rugas e cabelos brancos em mulheres, fenômeno que pode ser observado na crescente medicalização dos corpos femininos através de procedimentos como aplicação de botox e cirurgias plásticas. Tal distinção de tratamento entre gêneros - que naturaliza o envelhecimento masculino enquanto patologiza o feminino - evidencia as estruturas patriarcais que fundamentam esses padrões estéticos.

Contudo, observa-se atualmente o surgimento de movimentos contra-hegemônicos que contestam essa normatização dos corpos femininos. Práticas como a exibição consciente de cabelos grisalhos, representam formas de resistência que ressignificam o envelhecimento feminino. Essas manifestações, apoiadas por figuras públicas e estudiosas do feminismo, demonstram que os padrões estéticos, embora enraizados, são construções sociais passíveis de desconstrução. A tensão entre manutenção e superação desses ideais revela a complexidade das relações entre gênero, envelhecimento e representação corporal na sociedade contemporânea.

Em 2013, o site UOL (WEBER, 2013) divulgou uma pesquisa indicando que o mercado



de beleza brasileiro movimentara cerca de 40 bilhões de reais, posicionando o Brasil como o terceiro maior consumidor global desses produtos, atrás apenas de Estados Unidos e Japão. Esse dado revela não apenas a força econômica do setor, mas também a longa história de como a mídia, voltada ao público feminino — sobretudo revistas — promoveu, desde o século XIX, não só o consumo de produtos, mas também narrativas sobre comportamentos ideais. Tais publicações associaram a beleza à virtudes morais como o 'bem portar-se', reforçando padrões de gênero que circulavam em paralelo às transformações capitalistas

Ao longo da história e em culturas diferentes muitos foram os métodos para obter o corpo desejado. Sendo estes desejos diferentes em diferentes momentos: “Já foi belo cobrir a pele de alvaiade, para torná-la muito branca, ou passar horas no sol para bronzeá-la, alisar os cabelos com soda cáustica ou encrespá-los com enxofre” (Mattar, 2004, p. 1).

Ou seja, o feminino é uma construção histórica mutável, e o corpo feminino torna-se alvo dessas transformações, sendo constantemente redefinido como objeto de controle. Como observa Mary Del Priore (2000, p. 11), “[...] diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho”. A afirmação ilustra uma mudança paradigmática: se, no passado, a moral religiosa ditava os comportamentos femininos — associando virtude à salvação da alma —, hoje, a pressão social deslocou-se para a esfera corporal, onde a 'salvação' depende da adesão à padrões estéticos. O corpo perfeito tornou-se uma nova forma de disciplina, substituindo a antiga culpa pelo pecado pela angústia da inadequação física.

135

Essa transição reflete tanto o declínio da influência religiosa na vida cotidiana, quanto a ascensão de um individualismo centrado na autoimagem. Enquanto as mulheres do século XIX e início do XX eram julgadas por sua moralidade cristã, as do século XXI são avaliadas por sua conformidade à ideais de beleza — ambos mecanismos de controle, mas com fundamentos distintos.

A associação obcecada do público feminino com o belo,<sup>7</sup> leva a mulher a um distanciamento emocional, político e financeiro, criando um sistema de repressão que passa pelo mercado de beleza, influenciando cada vez mais o consumo que resulta em uma desigualdade econômica, informação essa muito evidenciada na revista feminina a qual promovia sempre propagandas de roupas e acessórios para suas leitoras.

Figura 4 – Propaganda da fábrica de chapéus de palha *La Belle Forme*



Fonte: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 15, 3 out. 1917.

As revistas do início do século XX promoviam narrativas nas quais as mulheres deveriam destinar todos os seus esforços para serem bonitas, uma vez que os homens não buscavam nelas gênios fortes ou inteligência: era a sedução que os atraía. Afirmavam, ainda, que as mulheres deveriam se aproximar dos interesses intelectuais do marido, desenvolvendo leituras. Logo, a mulher estaria cumprindo o seu dever que era o de ser esposa e mãe esmerada<sup>1</sup>.

Como destaca Almeida (2013), as mulheres eram as principais responsáveis pela preservação da família e da moral cristã, possuidoras de atributos de pureza, bondade e submissão, exaltadas como generosas e meigas, em cujas mãos repousavam o futuro da pátria e da família. Por isso, deveriam aproximar-se do modelo arquetípico reverenciado pela Igreja Católica, da *mulher-mãe-virgem*, isenta dos pecados da conjunção carnal. Sua função era servir, com submissão.

O lar era o altar sagrado no qual estavam depositadas sua esperança e felicidade. O casamento e a maternidade deveriam ser o ápice de seus melhores e maiores sonhos de realização pessoal. Por esse motivo, cabia a elas o papel de primeiras educadoras da infância, em cujo fundamento se estruturam o alicerce da família e o futuro da pátria. O grande intuito das revistas femininas nesse período, para as mulheres, é

Defendê-la e ampará-la; queremos que ela torne ao trono sagrado do lar onde os nossos antepassados a colocaram; queremos para ela a posição de respeito e veneração de que gozaram e ainda gozam nossas mães; queremos que ela volte a ser esposa de seu marido e mãe, no sentido lato, de seus filhos

<sup>1</sup> Sinônimo de esforçada.



(Formação Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ano IV, n. 30, jan. 1941, p. 61).

Publicado em 1941 pela revista Formação, o excerto revela a persistência, mesmo após mais de duas décadas da circulação de *Futuro das Moças*, de um discurso que idealizava a mulher como figura submissa ao marido, devotada integralmente à maternidade e enquadrada nos preceitos da moral cristã. Essa retórica não apenas reproduzia, mas também reforçava um projeto específico de feminilidade brasileira, vinculado a valores tradicionais e hierárquicos.

Em algumas páginas da revista *Futuro da moças* existem anúncios de mulheres e homens solteiros e dispostos a se casarem, isso se dá pela importância das mulheres saberem escolher parceiros conjugais para que a sociedade fosse agraciada com filhos saudáveis, livres da degeneração racial, resultante da consanguinidade, das moléstias hereditárias e da mestiçagem, conforme o lema eugênico bastante comum no início do século XX (Stepan, 2004). Ainda havia a narrativa predominante que afirmava que a mistura de sangues e raças seria um aspecto negativo para o desenvolvimento biológico e econômico do Brasil, resultando no atraso e ausência de civilização. Ou seja, as mulheres ainda eram impostas a situações do século anterior, e continuavam a ser vistas como puras e doces, que deveriam preservar a família, educando seus filhos e se tornando a salvadora da pátria.

*Futuro das Moças* publicou em 15 de agosto de 1917 um artigo intitulado *As paixões e os sentimentos na mulher*, trazendo conceitos de amor próprio - lei suprema que regula a conservação do indivíduo - no homem o amor próprio é individual e pessoal, relacionado ao seu trabalho e bem feitos (*Futuro das Moças*, 1917, p. 20). As mulheres não teriam amor próprio semelhante ao do público masculino, pois nela o amor se identifica como um afeto materno e da família, a mulher seria como uma árvore com suas raízes, sendo o centro da sua família, fora disso, a mulher não comprehende nem sente coisa alguma. Esse texto nos delimita muito bem sobre as propagandas de pensamentos machistas que colocam a mulher como serva de sua família, que não deve ter amor próprio ou paixões, e que vive apenas para os filhos e marido.

Outra escrita que deve ser pontuada é publicada em 9 de janeiro de 1918, *Futuro da Pátria*, escrito por um homem - Manoel Jose Soares, contribui com a narrativa patriótica, onde os brasileiros deveriam sentir orgulho de seu país. O texto traz os significados das cores da bandeira do Brasil, onde o verde é a vastidão das matas, o jardim dos nossos sertões, o amarelo é a riqueza dos nossos subsolos, o outro que nos engrandecerá, e que nos fará uma potência rija, já o azul, representa a superfície das águas dos rios caudalosos, embelezado pelas suas pérolas, e suas estrelas, que significam o sentir da população de cada Estado, que fundidos formam a



pátria brasileira (Soares, 1918, p. 24).

Para atingir esse ideal denominado “sacrossanto” seriam necessários três fatores: 1º) a importância das Revistas em relatar a bravura de algumas figuras históricas como Floriano Peixoto e Tiradentes, mostrando a sagacidade daquele que unidos lutaram contra nossos primeiros invasores. 2º) Os teatros deveriam levar a população peças patrióticas, formando assim o espírito do novo povo patriótico, e o 3º) Cabe à mulher, como um anjo divino, símbolo da fraternidade, definindo-a como anjo que na paz é o evangelho, mas que na guerra é a espada inquebrantável, que o soldado leva no coração em defesa da Pátria e da Família, pois seu amor faz de cada braço uma fortaleza que cada peito é uma bandeira cujo o mastro é inquebrável.

Para terminar o texto o escritor ainda se coloca, no sexo feminino dizendo “a nós mulheres, patrícias brasileiras, esposas e irmãs cabe o futuro da Pátria, para isso sejamos fortes”. Fica claro aqui, como os homens escreviam para manipular também o sentimento patriótico nas mulheres, trazendo o seu papel como uma âncora que fortalece os soldados brasileiros na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Logo, o resultado dessa estratégia é aumentar o engajamento feminino, não especificamente lutando, mas no papel de cuidadoras da pátria, reforçando funções de gênero machistas que limitavam as oportunidades para as mulheres.

Em se tratando das publicações realizadas em meio à Primeira Guerra Mundial, quase não se tem informações/notícias sobre os acontecimentos da época, e o pouco que se encontra é datado de 1917-1918, ligado à narrativa apaixonada à pátria brasileira, que deveria ser defendida e amada por todos, como exposto a seguir.

Uma publicação em 3 de outubro de 1917, intitulada *Antes da Guerra*, escrita por uma mulher - Olinda Almeida. Escreve sobre um cenário da partida de soldados brasileiros para a Guerra, onde o um padre concede a benção e realiza uma missa, com um discurso patriótico onde os homens deveriam partir para a guerra, e defender as terras onde nasceram, salvá-la de uma derrota, e mesmo que matasse o inimigo teria o perdão de Deus, deveriam saber morrer cumprindo o sagrado dever do patriotismo (Almeida, 1917, p. 17). Essa narrativa é importante para compreender a vivência dessa autora, que provavelmente teria assistido a missa neste momento, pois as mulheres deveriam ser devotas e religiosas, trazendo a figura do padre como importante e mais uma vez o discurso de tornar um Brasil uma grande Pátria.

Em 5 de setembro de 1917, a Revista *Futuro das Moças*, já registrava debates acerca do voto. feminino no Brasil, direito este que só seria conquistado em 1932, mas que anos antes tiveram árduos debates, e este texto escrito por - De Castro e Souza, traz um confronto com relação a um homem importante para a época o Dr. Eduardo França definido no texto com um médico, homem de letras e industrial conhecido, que havia afirmado que o voto feminino era



uma bobagem, afirmando que as mulheres que almejam os papéis dos homens numa sociedade é incompatível com o amor

A ideia do voto feminino, em tão boa hora argumentada na Câmara pelo Dr. Maurício Lacerda um deputado fluminense, é além de necessária e compatível com o século em que vivemos, justa, justíssima mesmo, nada mais sendo do que uma parcela dessa grande dívida que contraímos com a mulher, mercê do nosso eterno egoísmo: a igualdade de todos os direitos! (Castro, 1917, p. 09).

Este trecho, escrito na revista carioca, já nos traz exemplos de como a imprensa no início do século XX contribuiu para a luta dos direitos das mulheres, defendendo o voto feminino e enfrentando autoridades masculinas importantes para tais contestações.

Outro elemento a ser observado na revista feminina, é o debate sobre miscigenação, que aparece nas Histórias escritas por Jurema Olivia - intitulado *Amor fatal ou ódio das raças*. O texto traz a história de uma mulher branca pertencente a elite que engravidou de um homem negro e pobre - recentemente liberto da escravidão - causando desgosto na família da moça.

Essa história tem publicações datadas desde 1914 até 1917 pois era sequenciada por capítulos, de modo que os leitores pudessem acompanhar o enredo semanalmente. Porém não foi possível compreender a escrita por inteira por falta de acesso aos fragmentos de 1914 a 1916, mas pode-se fazer uma análise inicialmente no título *amor fatal ou ódio das raças*, já explicita a problemática social que havia no Brasil no início do século XX, relacionado a escravidão que durou séculos. Onde homens e mulheres de cores de peles divergentes não poderiam se casar, problemática essa fundamentada no século XIX, período em que grandes intelectuais debatiam acerca da eugenica racial, e que ainda hoje se espelha no Brasil.

139

## Conclusão

Com esse trabalho, conclui-se que a Revista *Futuro das Moças* era escrita apenas para mulheres que faziam parte da elite brasileira. Trazendo debates acerca do papel da mulher em uma estrutura familiar ideal, onde elas deveriam ser ótimas mães e educadoras iniciais de seus filhos, boas cozinheiras, e ótimas esposas, sempre preocupadas em se integrar aos interesses de seus maridos.

A construção do estereótipo feminino também teve contribuições a partir das publicações semanais da revista carioca, pois em todas as edições tinha textos e imagens relacionados a moda da época francesa - definindo a maneira como as mulheres deveriam se vestir - mas para além das vestimentas o que pode ser considerado uma problemática social são as propagandas de corpos ideais, onde as mulheres deveriam ter seios grandes e firmes –



conforme exemplificado em resultados e discussões – o que resulta em uma cobrança feminina em alcançar o corpo ideal. Essas preocupações e a cultura em obter o corpo perfeito ainda é uma problemática presente na sociedade brasileira atual, pois a imposição social existe no tempo presente.

Outra observação a ser realizada para fins de conclusão, é a diferenciação de textos escritos por mulheres e homens, pois em se tratando de um cenário geral, as escritas masculinas têm uma narrativa mais conservadora, que coloca as mulheres como o coração pulsante da família, que estaria inteiramente ligada ao marido e filhos, preocupada em servi-los. Já os textos de autoria feminina, em geral, têm um caráter revolucionário, como por exemplo o debate acerca do direito ao voto feminino, episódio este que inclusive enfrentou o posicionamento de um médico importante para a sociedade fluminense.

Devido a essas contradições, analisar a Revista *Futuro das Moças*, foi desafiador. Pois, além de ler e analisar a revista semanal carioca, empregada aqui como documento histórico e como a principal fonte de pesquisa, foi necessário compreender o período e as ideias que circulavam naquele contexto, como o acontecimento da Grande Guerra e também pensamentos higienistas que estava ligado a preocupação da miscigenação racial no Brasil, atribuindo a responsabilidade às mulheres de escolherem bons maridos para se casarem, que obtivessem a mesma cor de pele, olhos e cabelos, pois assim a sociedade brasileira seria livre da mistura racial.

140

Neste sentido, a pesquisa permitiu ampliar o conhecimento sobre a história das mulheres no Brasil, relacionando com a imprensa nacional de um período fundamental para compreender os debates históricos sobre a construção de um país amado e as construções sobre a sociedade feminina, questões que ainda hoje norteiam a para compreender o Brasil.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

**Formação:** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ano IV, n. 30, jan. 1941.

### Acervo digital

Hemeroteca Digital Brasileira. **O Futuro das Moças**. Disponível em:  
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=342149&pesq=&pagsfis=1>. Acesso em: 2 jun. 2024.

ALMEIDA, Olinda. Antes da Guerra. **O Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 17, 3 out. 1917.



As paixões e os sentimentos na mulher. **O Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 20, 15 ago. 1917.

CASTRO, Souza. O Voto Feminino. **O Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 9, 5 set. 1917.

Homenagem a nossa inesquecível colaboradora Estephania M. Manso. **O Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1, 29 ago. 1917.

Propaganda Pasta Russa. **O Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 7, 5 set. 1917.

SOARES, Manoel José. O Futuro da Pátria. **O Futuro das Moças**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 24, 9 jan. 1918.

## Bibliografia

ALIBIO, Nádia Campos; STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Eu sei tudo: a revista feminina e a construção da mulher ideal no início do século XX**. Anais do X Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre: Alcar, 2015.

ALMEIDA, Jane Soares de. **As gentis patrícias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940)**. Educar em Revista, Curitiba, n. 49, p. 187-205, 2013. 141

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BUITONI, Dulcília Helena S. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

DEL PRIORI, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **Imprensa feminina, revista feminina: A imprensa feminina no Brasil**. Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 221-240, dez. 2007.

LUCA, Tania Regina de. **Fontes impressas: histórias dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTAR, Denise. **O Preço da Sedução: Do espartilho ao silicone**. São Paulo: Itaú Cultural, 2004.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.



Esta obra está  
licenciada com uma Licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0](#)



**29 de abril**  
Revista de História

STEPAN, Nancy. **A eugenia no Brasil - 1917-1940.** In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Orgs.). Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 331-391.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; BARROS, Neide Célia Ferreira. **As propagandas da Revista Feminina (1914-1936): a invenção do mito da beleza.** Oficina do Historiador, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 106-120, 2014.

UOL Mais. **2012: Mercado da beleza movimentou quase 40 bilhões de reais.** 2012.

Disponível em: <https://mais.uol.com.br/view/s70pk4i6az2h/2012-mercado-da-beleza-movimentou-quase-40-bilhoes-de-reais-04024C993964E4994326?types=A&>. Acesso em: 2 jun. 2024.

**Primeiros Passos**

Recebido em: 02 nov. 2024.

Aprovado em: 17 jan. 2025.